

# RESENHAS

**LITERATURA INFANTIL – VOZ DA CRIANÇA**  
MARIA JOSÉ PALO & MARIA ROSA D. OLIVEIRA  
ÁTICA, 1986, 80 p. [série Princípios]

Os anos 70 assistem ao nascimento de uma nova concepção do que seja escrever para crianças. Ao lado da tradicional concepção de que esta literatura desempenha uma função didática, segundo a qual a criança deve ser educada pela literatura, o enfoque da literatura infantil enquanto objeto estético e, portanto, muito mais próximo da Arte do que da Pedagogia, vêm instaurar-se. Como consequência, esta nova concepção traz para a literatura infantil, recursos narrativos até então só explorados na literatura sem adjetivos.

O livro "*Literatura Infantil: voz da criança*" reconstrói os caminhos das mudanças que se processaram no interior do próprio livro infantil – mais precisamente nas imagens, no estatuto das personagens e na narrativa – registrando seus momentos mais significativos através da análise de alguns títulos.

Argumentam as autoras que, ao assumir-se como objeto literário (no texto definido como o espaço no qual "palavra, som e imagem constroem simultaneamente, uma mensagem icônica que se faz por inclusão e síntese, sugerindo sentidos possíveis"), essa literatura se harmoniza com o pensamento infantil.

A imagem, a função pedagógica do texto infantil reservou a função de dar forma aos traços das personagens e às características do ambiente propostos pelo texto. Nas obras mais recentes, a esta utilização da imagem vem contrapor-se a figura que, ao invés de representar, "presenta": abre o horizonte das formas possíveis.

O livro também evidencia como a personagem, tradicionalmente construída a partir de sua função na trama, rompe com este modelo, ora incorporando em si mesmas funções antagônicas, como a do herói e a do anti-herói; ora contrariando, através de sua ação, as expectativas criadas pelos traços que a definem; ora, ainda, esmaecendo seus contornos de modo que sua face múltipla se construa no ato da leitura. Porém, é com a exploração dos recursos narrativos, na tentativa de recuperar a oralidade discursiva – oralidade esta que reaproxima narrador e leitor – que a literatura infantil rompe definitivamente com a tradição literária, adquirindo o estatuto de movimento de vanguarda.

Ressaltam, ainda, as autoras, as transformações ocorridas neste gênero, advindas da utilização da Infor-

mática pelo discurso literário. Como resultado, surgem os videotextos infantis.

Ao retrair a metamorfose por que vem passando o texto infantil, *Literatura Infantil* flagra a afirmação do literário deste gênero, contrapondo-se à crítica que denuncia o caráter pragmático desta literatura. Assim, esta obra contribui na reconstrução do caráter ambíguo da literatura infantil contemporânea na qual, como no caso de suas personagens assumindo funções antagônicas, textos utilitários convivem com textos poéticos.

*Esmeralda Vailati Negrão*

**A QUESTÃO INDÍGENA NA SALA DE AULA**  
ARACY LOPES DA SILVA (ORG.)  
BRASILIENSE, 1987, 253 p.

Este livro reúne vários artigos que abordam a imagem do índio e a questão indígena nos livros didáticos. É dirigido aos professores de 1º e 2º graus, fornecendo-lhes importantes subsídios para abordar a problemática de maneira mais realista nas salas de aula. A iniciativa da elaboração e publicação coube a Comissão Pró-Índio de São Paulo, numa tentativa de desfazer os estereótipos e preconceitos que cercam as sociedades indígenas, os quais decorrem principalmente do desconhecimento e da falta de informações adequadas sobre aquelas sociedades. Em decorrência disto, os esclarecimentos e a compreensão podem incentivar uma convivência democrática, através do respeito mútuo, com sociedades que embora diferentes da nossa, são merecedoras de (todo) respeito, no convívio específico que mantêm com a sociedade nacional.

A primeira parte do livro é composta por artigos que fazem a crítica dos manuais utilizados mais comumente e desvenda, de modo inequívoco, os erros e as omissões do enfoque histórico dos textos didáticos. Mauro Almeida constata o racismo presente nos manuais de Estudos Sociais, que não conseguem lidar com as diferenças étnicas de nossa sociedade. Eles apresentam o índio "bom" como aquele do início da colonização, que já teria desaparecido. Os outros, os atuais, aparecem como "maus", insignificantes, meros resíduos. Antonio Hohlfesdt mostra também que quando colocado distante no tempo o índio é mitificado, ele pode ser corajoso e leal no passado longínquo, porém, quando o branco se aproxima, isto é, quando o branco requer o território para alguma frente de expansão, ele passa a ser "um caboblo ridículo, risível, ignorante, sempre pronto a ser enganado pelo colono ladino." Renate Biertler analisa mitos e histórias que são contadas a nossas crianças e mostra que o que é narrado não

corresponde à realidade indígena, mas falseia as informações. Renato Queiroz aprecia os estereótipos que aparecem, disfarçados, nas brincadeiras infantis. Finalmente, em meu artigo, desvendo o modelo teórico que informa os manuais. Este é o do evolucionismo social, uma ideologia e não uma teoria, que classifica as sociedades humanas em estágios a partir do ponto de vista da sociedade e da ética burguesa do qual é uma adaptação. Neste modelo o europeu é considerado superior e só o que é europeu merece uma maior descrição. Todos os artigos desta parte mostram que as sociedades indígenas se tornam nos textos uma abstração, o índio genérico, sem especificidade ou interesse, o que justifica a dominação e a ocupação de suas terras.

A segunda parte traz propostas muito valiosas para a superação das falhas apontadas anteriormente. Ara-

cy Lopes da Silva contribui com um excelente, imprescindível mesmo, conjunto de informações e direções para orientar os textos e os professores, traçando um quadro conceitual adequado e enumerando os pontos essenciais que deveriam ser abordados para colocar a questão indígena na sala de aula. Ana Vera Macedo escreve um texto modelo a partir da ótica do oprimido, como destaca Frei Beto, na Introdução, que chama a atenção para "tanta mentira que parece verdade". Esta parte do livro, que preenche lacunas e traz uma boa contribuição, termina com um extenso levantamento bibliográfico sobre o assunto, realizado por Lídia Izabel da Luz. À disposição dos professores, portanto, material suficiente para reflexão e reformulação.

*Norma Telles*

ERRATA Nº 61  
(LIVROS EM DESTAQUE)

Os dois últimos parágrafos do resumo do Jornal LEIA — Suplemento Especial (p. 85), escrito por Regina Pahim Pinto, estão fora de lugar: pertencem ao final do resumo (p. 84) do livro MULHER-EDUCAÇÃO, também elaborado por aquela autora.